

## A PRÁXIS DOCENTE: UM OLHAR PARA O TRABALHO DO PROFESSOR EM PERÍODO DE PANDEMIA E DISTANCIAMENTO SOCIAL

José Reinaldo de Araújo Quinteiro<sup>1</sup>

Rosimeire Soares da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** A educação escolarizada é fundamental para a socialização do homem e sua humanização, mas também permeia as relações de trabalho quando se analisa pela perspectiva do docente. Diante disso, este artigo objetiva apresentar o trabalho docente, de forma geral, e o trabalho docente, por meio do ensino remoto durante o distanciamento social, ocorrido em 2020 como medida utilizada pelos governantes para diminuir o contágio do novo coronavírus. Nessa via, questiona-se: como pensar a práxis docente no período de distanciamento? O que diferencia o trabalho docente? Como as aulas gravadas e disponibilizadas em um hospedeiro digital interferem na aura do trabalho docente? O que pode levar a aula perder sua aura? No que tange à metodologia de pesquisa, busca-se, na relação com o objeto, descrever esse fenômeno ancorado em discussões filosóficas acerca da práxis docente associada à aura. Os procedimentos técnicos deste estudo serão pautados em documentos que regimentaram o distanciamento social em Goiás, além de leituras bibliográficas por meio das quais se aclaram conceitos de trabalho, capital e alienação em Marx; conceito de aura e a possível perda dessa aura para Benjamin.

**Palavras-Chave:** Trabalho docente. Aura. Educação remota.

### Introdução

O ano de 2020 trouxe em seu bojo o início de impulsos transformadores que aceleraram processos educacionais brasileiros devido à pandemia causada pelo novo coronavírus<sup>3</sup>. Esse movimento, também vivenciado em várias partes do mundo, impactou pessoas, países, esferas sociais e de negócios, mas, em cada situação, de forma diferente; trouxe à tona, inclusive, a contingência de se pensar e fazer efetivamente a educação por meio de plataformas digitais.

Nessa via, passou-se a validar a educação a partir de um regime especial<sup>4</sup> que compõe a migração do presencial para o online e/ou do presencial para o ensino híbrido. Essa dinâmica

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Ciências da Religião, graduado em Filosofia e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás(PUC/GO). Professor titular da Universidade de Rio Verde e professor pesquisador no grupo Educação Social: Ensino, Pesquisa e Extensão/UNIRV. Professor da educação básica na rede pública do estado de Goiás, CEPMG – Unidade Carlos Cunha Filho. E-mail: josereinaldoquinteiro@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestra em Letras - Literatura e Crítica Literária – Pontifícia Universidade Católica - PUC /Goiás, graduada em Letras pela Universidade de Rio Verde; Especialista no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas pela UniRV; Professora da FAR (Faculdade Almeida Rodrigues) e da educação básica na rede pública do estado de Goiás, CEPMG – Unidade Carlos Cunha Filho. E-mail: rosimeiresoares34@gmail.com.

<sup>3</sup> O Plano Estadual de contingência para o enfrentamento da infecção humana causada pelo novo Coronavírus (2019-nCoV) foi apresentado em 10 fevereiro de 2020, pelo Governo de Goiás. Nesse documento, contém um histórico, a partir de 31 de dezembro de 2019, sobre o surgimento da doença na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China e apresenta características do novo vírus, bem como as medidas a serem tomadas para conter a propagação no Estado, dentre elas, o distanciamento social.

<sup>4</sup> Resolução 02/2020, de 17 de março de 2020, que dispõe sobre o Regime Especial de Aulas Não Presenciais (REANP) e Nota Técnica 02, de 22 abril de 2020 do Conselho Estadual de Educação a qual apresenta esclarecimentos sobre o funcionamento das unidades escolares no período de distanciamento social.

passa também pelas relações de trabalho e identidade do professor o que justifica esta produção científica, posto que se anseia evidenciar uma reflexão sobre o diferencial do trabalho do professor e conceitos de aura nas aulas em linha de internet (on-line).

Diante disso, este artigo objetiva, no primeiro momento, apresentar o trabalho docente, na perspectiva de Karl Marx, suas relações e representações voltadas para o capital, o salário e a alienação; no segundo momento, apresentam-se características ímpares dessa classe de trabalhadores da educação. Com isso, busca-se trazer reflexão sobre a aura da aula, tomando como empréstimo o conceito de aura de Walter Benjamin (1987).

As normativas e esse diálogo, voltado para o ensino por meio de plataformas digitais, apontam para a questão das aulas gravadas que são disponibilizadas em um hospedeiro digital e isso comporá a terceira parte deste estudo. Por fim, buscar-se-á compreender a aura da aula e sua representação nas relações trabalho pautadas na aula on-line.

No que tange à metodologia de pesquisa, busca-se, na relação com o objeto, descrever esse fenômeno ancorado em discussões filosóficas acerca da práxis docente associada à aura. Os procedimentos técnicos, deste estudo, são pautados em documentos que regimentaram o distanciamento social em Goiás, além de leituras bibliográficas por meio das quais se aclaram conceitos de aura e a possível perda dessa aura da aula na relação de trabalho docente no período de aula não presencial.

## **1. Trabalho, Alienação, Educação e Salário**

A ação pedagógica, como objetivação de um trabalho, faz com que o objeto tenha mais valor do que o próprio ser do professor. Nesse contexto, o investimento na formação continuada desse profissional fica relegado a segundo plano, de forma que, quanto mais ele, o professor, dedicar forças de trabalho no desempenho das suas funções, no ato de educar, menos esse ato lhe pertencerá. Na condição de sujeito, sua subjetividade vai se esvaziando ao passo que também se perde em sua autonomia e emancipação pessoal. Essa compreensão vai ao encontro da ideia de que, quanto mais o outro é valorizado, mais quem o valoriza perde a própria aura, ficando alienado.

A razão é que, nas relações com o objeto, o sujeito não precisa lutar impedindo-se que se torne objeto; em uma linguagem mais apropriada para ao universo capitalista, seria

compreender que o produto, o objeto, existe fora do trabalhador, o sujeito, e é estranho a ele. O objeto já está posto exteriormente ao sujeito, de forma que

quanto mais o trabalhador produz mais, menos tem de consumir; quanto mais refinado o produto, mais desfigurado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, mais desumano o trabalhador, quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna escravo (MARX, 2004, p. 112).

A economia sempre ocultará tudo isso, se não se perceber a relação entre o trabalho docente e a produção. É notório que a economia produz maravilhas para “os ricos”, porém miséria para os profissionais da educação. O professor passa de sujeito da história para se tornar objeto dela. E ele não consegue atingir o processo de transição para “a melhoria de vida” tão sonhada, quando ainda nos bancos escolares; ao cursar uma universidade a fim de emancipar a si e aos outros, acaba se tornando um ser alheio às garras de uma economia de mercado perversa, tornando-se alienado ao sistema em que está inserido, diga-se de passagem, no sistema educacional, diminuindo a sua inteligência e se tornando escravo da própria função docente.

Essa alienação ocorre na relação com o trabalho docente, posto que ele é absorvido pela carga horária excessiva. As funções docentes, com horas aulas pagas pelo Estado, não lhe dão condições de usufruir, com dignidade, do lazer aos finais de semana - ou mesmo no meio da semana -, da assistência médica qualitativa, da segurança pública, do saneamento básico, de acessos a materiais de estudos atualizados e das plataformas digitais sem se dispor mais ainda do seu salário.

Mas, essa alienação também ocorre na relação do processo de produção do conhecimento, no seio das atividades em sala de aula, pois, de fato, não se chega a produzir conhecimento, mas sim reproduzir informações para si mesmo e para os educandos. Neste ínterim, reforça-se ainda mais o processo da alienação no espaço escolar.

Então, em que consiste, tanto para o professor quanto para o educando, a alienação do trabalho docente? Consiste, no primeiro momento, em negar as próprias forças físicas, espirituais, morais, intelectuais diante do trabalho vivo<sup>5</sup> ou do trabalho morto<sup>6</sup>. O sujeito se

---

<sup>5</sup> Trabalho vivo é compreendido na dimensão em que o professor se interagem com os propósitos da sua aula, no momento e horário em que professa o que sabe para com os seus alunos (as); sob as luzes do pensamento de Marx, é um tempo em que ele, o professor, se realiza como ser humano porque está se expressando (MARX [1857-1858] 1967, I, p. 317- 752 apud HAMRAOU, Éric, 2014, p. 44-53).

<sup>6</sup> Reinterpretando Marx, trabalho morto é compreendido na dimensão em que o professor se esvazia de si, de seus sonhos, de sua condição humana e se decepciona com a profissão que escolheu, porque tem que levar para casa um monte de tarefas para corrigi-la ou quando tem que enfrentar uma turma com mais 36 alunos e muitos delas não querem colaborar com o seu método de ensino porque não observa nada interessante no que ele está expondo (MARX [1857-58] 1967, II, pp. 377-378 apud HAMRAOU, Éric, 2014, p. 44-53).

sente fora do trabalho docente, não se reconhece como ser humano em potência ao que deseja ser, ou como diria Schwark (2014), o ser humano limita-se a crenças que reforçam o estereótipo alicerçado no que falta e não no que se tem de concreto. Assim, o indivíduo, muitas vezes, exerce a sua função docente dentro de perspectivas funcionais, atendendo assim as diretrizes advindas do sistema de ensino oficial.

Isso denota uma prática trabalhista dentro da perspectiva capitalista ao atender os modos de produzir conhecimentos que não se chega ao fim, a não ser para “meritocrizar” habilidades e competências dentro das sequências didáticas impulsionadas pelo Estado, tendo como foco os estudantes e não a si mesmo.

O trabalhador/professor, em sua atividade docente, chega a um nível de alienação que só se sente ativo em suas funções didáticas e pedagógicas se atender aos ritos de preparar e ministrar aulas, elaborar tarefas e corrigi-las e criar um vínculo com a unidade de ensino como se fosse de fato a sua segunda casa.

Nessas ações, esquecendo-se de si, ele deixa de exercitar, além das atividades dimensões espirituais e morais, as emocionais, as físicas, sociais e as mentais; furtando-se às atividades que o faz aguçar a própria inteligência diante da prática vivência profissional vital, decifrando os seus próprios códigos.

Diante disso, pode se dizer que o trabalho do docente, no período de distanciamento social, pode ser mais ou menos alienante. Ele perde sua aura, pois, como afirma Walter Benjamin (p. 168-169), é dela que o ser humano se enobrece e pela qual é levado à vivência da sua subjetividade, à medida em que a técnica de reprodução permite o objeto passa ir ao encontro do espectador, em todas as situações, atualizando-o. Esse processo resulta em um violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade<sup>7</sup>.

Assim, tendo como foco a aula como objeto do trabalho docente, chama-se a refletir que desvendar os códigos da inteligência conduz o docente a compreender que não são deuses, mas seres humanos imperfeitos. Decifrar o código do “eu” como Gestor do Intelecto, da Resiliência, do Carisma, do Altruísmo, da Autocrítica, do Debate de Ideias, da Intuição Criativa, não é um dever, mas é um direito de cada ser humano que busca uma mente brilhante e procura a excelência emocional, social e profissional. É o privilégio daqueles que compreendem que

---

<sup>7</sup> Para Benjamin (1987), em seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, a aura está associada à unicidade de um objeto de arte. Neste estudo, o termo “aura” é tomado como empréstimo e se configura do “aqui e agora” de um momento, de um trabalho que é único e que transcende justamente pelo fato de conter unicidade.

quando a sociedade os abandona a solidão é suportável, mas que quando o indivíduo mesmo se abandona a referida solidão é intolerável (CURY, 2008 [s.p]).

E ainda, no chão da escola, e agora, no ambiente da própria residência por causa da Pandemia<sup>8</sup>, distante do exercício dos códigos da inteligência, como evidencia Cury (2008), o professor ainda é induzido a pensar como imprescindível à sua vida a questão do salário.

De fato, o salário é o diferencial para a sobrevivência do ser humano. É ele que garante livre acesso à cultura, ao lazer, ao atendimento médico e ao esporte. O problema não é esse, mas reside na lógica de que o professor, por mais que tenha o seu salário garantido, não se torna usual de usufruir das suas benesses, por dois motivos: primeiro, porque o mercado consumidor o induz a se tornar um consumidor contumaz, até o induz a querer imitar os donos dos meios de produção. Isso se torna mais latente quando o docente é levado a “produzir sua aula” e torná-la pública (como um produto) em uma plataforma digital sem nada ganhar com isso. Em segundo lugar, não há tempo disponível, durante o ano letivo, para que o docente possa fruir da cultura, do lazer, do atendimento médico e do esporte.

Uma das ações que devota contra o professor e contra si mesmo é tentar se igualar à classe alta - obviamente estimuladas pela economia política -, é quando se atina a adquirir bens para se assemelhar à aquisição dos bens materiais dos ricos. Com isso, prova-se uma falsa autoestima e, ao mesmo tempo, afasta-se do seu educando mais carente que não tem poder aquisitivo econômico para abastecer de créditos, por exemplos, as suas mídias sociais para assistirem à videoaulas na época da pandemia.

Evidentemente, o resultado da economia política conhecida por neoliberalismo que torna a prática docente um tanto quanto, nessa conjuntura, uma prática que lhe tira a sua subjetividade. A ação do professor, na educação pública ou privada, não se explica diretamente pela Economia Política, aliás esta economia pouco importa com a educação de um povo, embora ela dependa da economia para manter em funcionamento os seus processos didáticos e pedagógicos.

---

<sup>8</sup> Desde de 16 de março, os professores não ministram mais as aulas presenciais; fazem-nas de forma remota, utilizando mídias de internet, conforme as seguintes normativas:

- 1) PORTARIA Nº 544, DE 16 DE JUNHO DE 2020 - Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020.
- 2) O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÁS no uso de suas atribuições legais e regimentais, com base na Lei Complementar n. 26/98, no Decreto n. 9833/2020, na Resolução CEE/CP n. 11/2020, nas Notas Públicas 01 e 02/2020 em que autoriza ensino básico a manter aulas não presenciais até 19 de dezembro.

Nesse contexto, a ação do professor, na educação pública, depende do seu salário para realização de atividades de pesquisas e de estudos, mesmo em época de pandemia.

### **1.1 Salário do Professor, Capitalistas e o Estado**

O salário é o eixo do embate entre trabalhadores, o estado e os capitalistas. Os capitalistas, e os proprietários, e o estado são classes unidas e competentes. Vivem dos lucros e da exploração do trabalho escravo; no caso do estado, ele se apresenta cobrando imposto com alíquotas altíssimas em cima do salário do professor. O professor, docente trabalhador, nem juros recebe porque a sua prática docente está atrelada ao capitalismo, com isso não luta para separar o capital, da renda que tem diante de uma necessária educação financeira para cuidar do pouco que ganha mediante do exercício das suas forças físicas e espirituais.

Mesmo sem muito poder de compra, em um contexto em que o capitalismo possui alto poder aquisitivo de compra aos bens de consumo de toda espécie, o salário do professor se constitui o único meio para manter a família, para ter acesso aos bens essenciais a uma vida digna.

Ao necessitar do salário que atenda às suas necessidades emancipatórias, como o lazer e a cultura e não tão somente para atender às necessidades básicas alimentação e saúde, o professor se torna mercadoria. Daí a ação pedagógica vai perdendo a sua aura; eis uma forma que traduz a desvalorização do docente do trabalhador.

Com isso, o docente perde sua condição de vivenciar a subjetividade com ocupações em cultura, lazer e *hobbies* pois, já alienado, precisa trabalhar com carga horária excessiva em várias instituições de ensino para garantir um ganho satisfatório e pela quantidade de aula ministrada, a aura da aula, em muitos casos, pode ser substituída pela automatização da aula.

Dessa forma, ressalta-se que o professor trabalhador, atingido pela lógica dos capitalistas, sempre perde quando o Estado ganha, quando a escola, quando o dono do capital ganha. Essa dinâmica acontece quando o Estado mantém o valor baixo das horas pagas em sala de aula, poucas horas de atividades de planejamento em sua casa, devendo fazer tudo aos finais de semana. É como se, na educação, essa prática estatal neoliberalista se assemelhasse ao mecanismo industrial ou comercial, que só favorece aos donos dos modos de produção, dos meios de produção e dos bens de produção, aos capitalistas

Dado é que o Estado menospreza o trabalho docente para que esse mesmo servidor o ajude a empurrar o trabalho docente para a iniciativa privada. “Todas as diferenças naturais,

culturais e sociais do trabalhador [docente] aprecem no trabalho e são remuneradas de forma diversas” (MARX, 2004, p. 67).

Com isso, o trabalhador sofre o problema da existência humana no lucro, porque todos querem ganhar em cima da sua função, ei-los: os estudantes, os pais, a escola, a sociedade e o Estado. E, além de lutar, contidamente pelos meios físicos de subsistências, “o trabalhador precisa lutar pelas possibilidades de realizar o seu trabalho” (MARX, 2004, p.67).

Há três situações em que o professor docente, no exercício da sua profissão, pode se encontrar: 1º) Na diminuição da carga horária, o professor é o mais prejudicado; 2º) Se a carga horária aumenta, menos mal; (3) Porém, se o trabalhador deseja ganhar mais, ele sacrificará uma parte de sim mesmo e realizará o trabalho escravo, e não teria tempo para investir em sua subjetividade, ocupando-se das atividades lúdicas porque ele não exerce somente o ofício didático e pedagógico escolar.

O pano de fundo é que, fora da escola, o usufruir dos bens materiais é tão somente para alguns; são para os que controlam principalmente os meios de produção da riqueza, enriquecendo à base do sofrimento dos demais. “Quando determinada sociedade se encontra numa condição de aumento de riqueza? Sempre que o capital e os rendimentos de um país se elevam” (MARX, 2004, p.68). Isso só é viável quando, ao acumular riquezas, o trabalhador, o professor, é privado do seu produto e segundo, surge a divisão do trabalho, ele, o professor se torna máquina, e cada vez mais dependente do trabalho, pois a sua oferta da mão-de-obra é barata pelo ganho de quem o beneficia; primeiro o Estado porque deseja que os estudantes evoluam nos estudos e os próprios estudantes que querem se realizar como profissionais ao concluírem os seus estudos. Torna-se medonho observar que há professores que trabalham em duas, três instituições para não perderem renda salarial.

A lógica em que o professor vai ao encontro de que o Estado arruína os menores, e a crise oculta se instala na vida do profissional em educação. Quando mais o Estado burocratiza, mais trabalhadores em educação se submetem aos salários que se assemelham à condição de miséria humana<sup>9</sup>. Com isso, as condições de vida do trabalhador em educação se tornam

---

<sup>9</sup> “Compreende-se aí a importância que Marx deu à análise do trabalho [...] Ele reconhece o trabalho como atividade fundamental do ser humano e analisa os fatores que, no capitalismo, o tornaram uma atividade massacrante e alienada [...] o filósofo expõe a lógica do modo de produção capitalista, em que a força de trabalho é transformada em uma mercadoria com dupla face: de um lado, é uma mercadoria como outra qualquer, paga pelo salário; de outro, é uma mercadoria que produz valor, ou seja, que reproduz o capital” (COTRIM; FERNANDES, 2016 p.289)

precárias o que poderá ganhar mais valores em salários, mas a queda em qualidade de vida é notória<sup>10</sup>.

O aumento da riqueza e até de conhecimento para alguns, na sociedade, desperta no trabalhador, até nos profissionais em educação, o desejo de ficar rico. Mero engano. O que vão ter serão recursos para a própria sobrevivência. E isso só é possível por meio do sacrifício do espírito e do corpo. Contra o trabalhador (o profissional em educação) vem a busca dessa riqueza a qual insere outros trabalhadores e as máquinas; hoje se diz as aulas em Ensino a Distância, (EaD).

Resultados acerca disso são: desemprego, precarização dos trabalhos docentes e tendências de privatização acentuada do ensino público. Qual a consequência de tudo isto? 1º) Salários baixos, pois a riqueza está nas mãos de poucos capitalistas. 2º) Pobreza progressiva e miséria complexa e na reta final, miséria estacionária.

Nessa situação, a miséria social se constitui em algo perene aos que necessitam do Estado e, neste meio tempo, trabalhadores, profissionais em educação e capitalistas estão infelizes. É lógico que os que ocupam os sistemas de ensino, podendo ser entendidos como tecnocratas e os capitalistas – os que estão no alto escalão dos governos federal, estadual e ou municipal - estão em uma situação mais confortável, enquanto que o professor, que trabalha nas unidades escolares, têm o seu piso salarial que hoje não passa de três salários<sup>11</sup>.

Isso afeta a valorização da valorização do magistério; aqui o prestígio de quem está no topo da educação tende a permanecer porque a lógica do mercado é transculturada<sup>12</sup> para a lógica da educação: quanto mais se se trabalha, mais o trabalhador em educação perde a aura do ser professor.

No período de distanciamento social e trabalho docente remoto, a aura da aula passa a ser destacada de maneira mais enviesada, conforme se passa a apresentar mais adiante, neste estudo.

## **2. O distanciamento social e as alterações na essência do trabalho docente**

---

<sup>10</sup> “A pesquisa realizada pela CNTE e UnB avaliou as condições de trabalho e de saúde mental, destacando a síndrome de Burnout. De abrangência nacional, incluiu 52 mil trabalhadores/as da educação de 1.440 escolas públicas. Os resultados, apresentados no livro *Educação: Carinho e Trabalho*, foram preocupantes: 26% dos/as professores/as apresentaram exaustão emocional, associada à desvalorização profissional, baixa autoestima e ausência de resultados percebidos no trabalho” (ARAÚJO,2019, p.02).

<sup>11</sup> SINTEGO - Elaboração: DIEESE-GO.

<sup>12</sup> É o processo pelo qual os valores de uma determinada cultura sobrepõem a outra, deixando-a sem expressão originária (BOFF, 1990).

Mediante determinação feita pela Secretaria de Saúde de Goiás, por meio da Nota Técnica nº 01/GAB 03076, de 15 março de 2020, para que houvesse distanciamento social como medida de contenção do avanço do novo coronavírus, houve suspensão das aulas presenciais em todos os níveis de ensino no Estado de Goiás<sup>13</sup>.

E, a partir do distanciamento social e dessa Nota Técnica, com vistas a minimizar os prejuízos pedagógicos nos sistemas de ensino, outros documentos foram emitidos com vigência imediata o que gerou rápida alteração na rotina escolar de alunos e professores das redes pública e privada.

A Resolução nº 02, de 17 março de 2020, dispõe sobre o Regime Especial de Aulas Não Presenciais (REANP) e, em seu Art. 3º, verifica-se que para atender às demandas do referido cenário, cabe aos gestores das unidades escolares as seguintes atribuições:

- I – Planejar e elaborar, com a colaboração do corpo docente, as ações pedagógicas e administrativas a serem desenvolvidas durante o período supracitado, com o objetivo de viabilizar material de estudo e aprendizagem de fácil acesso, divulgação e compreensão por parte dos alunos e/ou familiares.
- II – Divulgar o referido planejamento entre os membros da comunidade escolar (GOIÁS, 2020)

Ao docente, no mesmo documento, determina-se que deve:

- III – Preparar material específico para cada etapa e modalidade de ensino, com facilidades de execução e compartilhamento, como: vídeo aulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais e correio eletrônico. (GOIÁS, 2020)

Dessa forma, o trabalho docente sofre alterações, mediante flexibilização de horário, local e canal de interação com alunos, posto que, ao invés de fazer seu planejamento e ir para sala de aula ministrar suas aulas, foi preciso que o professor reorganizasse cognitivamente suas estratégias didáticas de interlocução, com vistas a prever quais e como seriam as respostas dos discentes frente ao que estaria sendo ensinado.

Além disso, foi necessário que o professor fizesse uso de aparelhos e equipamentos tecnológicos, com os quais nem todos tinham familiaridade, e se fizessem também sujeitos com utilização, não só de seus conhecimentos acadêmicos adquiridos ao longo de sua formação, mas

---

<sup>13</sup> Registra-se que, por causa da Pandemia, a suspensão de aulas ocorreu em várias partes do Brasil e do mundo (em datas que divergem e convergem entre si), no entanto, este estudo tem como foco a observação e verificação de institutos legais do Estado de Goiás.

da publicação de sua voz e/ou imagem na produção de *podcast* (áudios) videoaulas e/ou realização de aulas online.

A Nota Técnica nº 02 de abril de 2020 cita a LDB, Lei 9394/96, em “Observa-se que outra referência legal para o regime especial de aulas não presenciais, é a previsão estabelecida no artigo 81 da LDB, que permite a oferta de cursos experimentais no sistema educativo brasileiro.” e reforça que, embora o REANP utilize certa aplicabilidade da educação a distância, o contato não poderia ser apenas por meios digitais, oportunizando o contato online entre alunos e professores o que gerou a modalidade híbrida de ensino.

No que se refere aos objetivos do REANP:

Por conseguinte, entre não se fazer nada e fazer o que é possível, este Conselho opta por se posicionar por atuar de forma proativa, apresentando uma opção possível que é o REANP, para viabilizar o mínimo de atividades didático-pedagógicas aos alunos. Isso, em alguma medida, segundo a diversidade das redes, possibilita a manutenção de uma rotina de estudos, leitura, interação com outros alunos e professores, evitando o ócio em um longo período de inatividade (GOIÁS, 2020)

Assim, esse regime de aulas não presenciais visa manter minimamente a rotina de estudos dos alunos e mantém o docente em suas atividades de ensinar, no seu trabalho, mas esse ocorre agora em outro formato.

Com essas novas demandas, amparadas por institutos de Governo voltadas para a prevenção do contágio com o novo coronavírus, apresentam-se também novas necessidades as quais trazem à tona capacidade de resiliência e adaptação docente e discente no que se refere a propostas inesperadas e que requerem ações prospectivas, conforme observado nos documentos acima apresentados.

Na perspectiva de se refletir sobre a práxis do trabalho docente que, com o distanciamento social e a produção de material de mídias, a serem disponibilizadas aos alunos por meio de redes sociais, como WhatsApp e Youtube, por exemplo, possa sofrer alterações em sua essência, pois, conforme Saviani (1983), a aula supõe, ao mesmo tempo, a presença do professor e do aluno, sendo ela o resultado do que acontece no momento que se estabelece essa relação.

### **Considerações Finais**

Mediante as relações de trabalho, capital e salário, as reconfigurações que permeiam a práxis docente, em período de distanciamento social, apresentam outras nuances acerca da

atividade docente. Reforçam ainda a questão de que, embora o “produto aula” tenha sido ressignificado nas plataformas que hospedam aulas gravadas, ainda assim a aula acontece mesmo é ao vivo, no contato e na interação docente-aluno.

Esse advento, específico do período de pandemia, elucidou o afastamento entre o docente e sua aula (quando essa é publicada em redes na internet) o que contribui para a perda da aura da aula. Isso “coisifica” a aula pulverizando possibilidade de unicidade, extinguindo a suposta aura.

Ressalta-se que a aura da aula já é nebulosa para o professor, devido às condições a que os docentes são submetidos em sua jornada de trabalho: carga horária excessiva e sobrecarga de atividades fora do ambiente escolar. Essas condições comprometem o exercício da subjetividade humana por parte do docente posto que, muitas vezes, trabalha de forma automatizada, alienada.

A aura da aula ocorre no “aqui-agora” da aula, ou seja, no contato, na interação do aluno com o professor. Segundo Aranha (2004), o trabalho docente é muito peculiar, pois, a exemplo de intelectuais que produzem livros e arte, a obra se distancia do autor. No caso do professor, a obra é produzida no mesmo instante em que ela é consumida.

Nisso, reside a especificidade da aula como produto, produzida pelo trabalhador professor, que, ao longo dos anos, tem sido esvaziada do seu sentido. Com isso, a aura da aula se esvai definitivamente, seja pelo excesso de aula a ser ministrada, seja na possibilidade de reproduzi-la em plataformas virtuais.

Portanto, com o distanciamento social, o trabalho docente certamente ganhará novas perspectivas, inclusive, novas construções de aura, talvez. Todavia vale destacar que a práxis docente também desse período de isolamento social e o ensino remoto se revelou mais essencial do que antes. A presença do professor e a aura da aula, em sua escassez, passou a ser objeto de desejo de muitos alunos, posto que a autonomia acadêmica ainda está em processo primário e talvez o alunado demore alguns para entendê-lo e a praticá-lo, reivindicando a aula e sua unicidade.

**Abstract:** School education is fundamental for man's socialization and humanization, but it also permeates work relationships when analyzed from the perspective of the teacher. Therefore, this article aims to present the teaching work, in general, and the teaching work, through remote teaching during the social distancing, which occurred in 2020 as a measure used by government officials to reduce the contagion of the new coronavirus. In this way, the question is: how to think about the teaching praxis in the period of distancing? What makes teaching work different? How do classes recorded and made available on a digital host interfere in the aura of teaching work? What can cause the class to lose its aura? With regard to the research methodology, it seeks, in relation to the

object, to describe this phenomenon anchored in philosophical discussions about the teaching praxis associated with the aura. The technical procedures of this study will be based on documents that regulated the social distancing in Goiás, as well as bibliographical readings through which concepts of work, capital and alienation in Marx are clarified; concept of aura and the possible loss of this aura for Benjamin.

**Keywords:** Teaching work. Aura. Remote education.

## Referências

ARAÚJO, Tânia Maria et al. **Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil:** reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. Educação, Cad. Saúde Pública vol.35 supl.1 Rio de Janeiro 2019 Epub May 30, 2019 Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2019000503002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000503002)> Acesso em: 22 de ago. 2020.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras Escolhidas:** Magia e Técnica, Arte e Política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOFF, Leonardo. **Nova Evangelização Perspectiva dos Oprimidos.** Petrópolis: Vozes, 1990.

CHAGAS, Eduardo F. **O Pensamento de Marx sobre a subjetividade.** Filosofia, Trans/Form/Ação, Marília, v. 36, n. 2, p. 63-84, Maio/Ago., 2013 Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/3099/2360>> Acesso em: 21 de ago.2020.

CURY, Augusto. **O código da inteligência:** a formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil/Ediouro, 2008.

GOIÁS, Conselho Estadual de Educação. **Nota Técnica 01/2020, de 15 de março de 2020.** Determina a suspensão das aulas presenciais em todos os níveis educacionais, por período de 15 dias, podendo ser prorrogado, mediante análise autoridades da saúde, como medida para conter disseminação do novo coronavírus. Goiânia/Goiás. Disponível em <[https://www.saude.go.gov.br/files/banner\\_coronavirus/notatecnica.pdf](https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/notatecnica.pdf)> Acesso em 11 de jun.2020.

GOIÁS, Conselho Estadual de Educação. **Nota Técnica 02/2020, de 22 de abril de 2020.** Assunto: esclarecimentos sobre o funcionamento das unidades escolares no período de isolamento social pelo coronavírus, Covid-19. Goiânia/Goiás. Disponível em<<https://cee.go.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Clique-aqui-para-baixar-Nota-Te%CC%81cnica-02.pdf>> Acesso em: 11 de jun. 2020.

GOIÁS, Conselho Estadual de Educação. **Resolução 02/2020, de 17 de março de 2020.** Dispõe sobre o regime especial de aulas não presenciais no Sistema Educativo do Estado de Goiás, como medida preventiva à disseminação

do COVID-19. Goiânia/Goiás. Disponível em <<https://cee.go.gov.br/resolucao-022020-sobre-o-regime-especial-de-aulas-nao-presenciais/>> Acesso em: 10 de jun.2020.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

LEME, Alessandro André. **Neoliberalismo, globalização e reformas do estado**: reflexões acerca da temática. Ciências Sociais, Santa Cruz do Sul, n. 32, jan./jul. 2010. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n32/n32a08.pdf>>. Acesso em: 12 de ago.2020.

SAVIANI, Dermeval. **Filosofia da Educação Brasileira**. Coord. Trigueiro Mendes. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1983.

SCHWARK, Rosalia. **Seja Menos Você**: um caminho para a realização pessoal. Porto Alegre: Movimento Perfeito, 2014.

SINTEGO - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás. **Tabela Salarial Professores da Rede Estadual de Goiás - 2019** Disponível em: <http://sintego.org.br/midias/downloads/04022019141330.pdf>. Acesso em: 22 de ago.2020.

SOUSA, Jessé. **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.